

CARTOGRAFIAS MÓVEIS: A POÉTICA DE FRONTEIRAS EM GUIMARÃES ROSA

Marli Fantini Scarpelli
UFMG

Em minha tese de doutorado intitulada “Fronteiras em falso: a poética migrante de Guimarães Rosa” (recentemente defendida na FALE-UFMG, sob a orientação da Prof^a Dra. Eneida Maria de Souza), investigo como Rosa problematiza, em seus cenários discursivos, a hibridez cultural e a heterogeneidade conflitiva geradas por distintos confrontos, em âmbito regional, nacional e transnacional, o que possibilita a emergência de zonas fronteiriças migrantes e reversíveis em homologia aos “espaços sem lugares e tempos sem duração”, de que fala Althusser (Apud BHABHA, 1998, p. 202).

Neste trabalho, enfoco fronteiras em falso, onde o interior e o exterior não podem ser separados; entre-lugares liminares, intersticiais, disjuntivos onde, malgrado todos serem estrangeiros uns aos outros, vigora um intenso contrabando entre distintas línguas e culturas a agenciar o efetivo intercâmbio e a permeabilização entre várias alteridades. Falo de uma terceira margem habitada por culturas híbridas, formada de ex-traditados da história e da própria geografia, de habitantes de margens e brenhais, que trazem à superfície dos campos discursivos de Rosa toda uma história de opressão, de exílios, de uma tradição oral soterrada durante vários séculos de encobrimentos. Falo de um sertão mais metafórico do que físico metafísico, cujas fronteiras se volatilizam, fazendo esboroar quaisquer marcos fixos ou hierarquizantes. Falo de um mapa periférico, cartografado nos subúrbios da história oficial.

Penso que a questão da fronteira — recorrente na vida profissional e na obra literária de João Guimarães Rosa —, as viagens por muitas geografias, o convívio com diversas culturas, o conhecimento de várias línguas são indubitáveis fatores a intervir no enfoque fronteiriço privilegiado na obra ficcional desse escritor, sobretudo no que diz respeito ao desdobramento e à permeabilização da perspectiva frente às diferenças culturais.

Viajante contumaz, Rosa desdobra sua vivência para reincorporá-la criticamente ao sertão mítico, às narrativas orais ouvidas em sua infância. Da itinerância entre culturas e mundos diversos, o deslocamento de perspectiva, permeabilizado pela mirada “estrábica” desse intelectual que, depois da travessia por várias línguas e culturas, reassume o próprio domínio lingüístico. E que, ao fazê-lo, comporta-se como um tradutor da língua materna. Tradução, transcrição, transculturação são procedimentos por meio dos quais Guimarães Rosa estende uma ponte entre o regional e o transnacional, cujos resultados mais evidentes são não os pólos extremos de sincretização ou excludência, de submissão ou rejeição, mas a relativização capaz de permear afinidades e diferenças, convergências e divergências entre o mesmo e o outro, entre o particular e o universal.

Exemplo dessa permeabilidade pode ser reconhecido em *Grande sertão: veredas*, romance em que a dureza geofísica do “sertão” perde o peso da referencialidade, para expressar uma realidade ambígua e heterogênea, ao mesmo tempo local e universal: “sertão” é onde “tudo é e não é” (GSV, 11); “Sertão é quando menos se espera” (GSV, 267); “Sertão é dentro da gente” (GSV, 289); “o sertão é uma espera enorme” (GSV, 538). Se a multiplicidade do cosmos pode caber no sertão, a singularidade do sertão também pode difundir-se no cosmos: “Esses gerais são sem tamanho. Enfim, cada um o que quer aprova, o senhor sabe: pão ou pães, é questão de opiniões... O sertão está em toda parte” (GSV, 8).

Situado entre duas águas, Guimarães Rosa se desdobra entre o arcaico e o moderno, o sertão e o mundo, tendo certamente usado uma pluralidade de máscaras, muitas das quais calcadas, a *posteriori*, em suas próprias personagens. O constante assédio de críticos literários e jornalistas (em decorrência principalmente da charmosa conjunção entre o Ministro das Relações Exteriores e o escritor de prestígio internacional), em contraste à obrigação de sigilo (exigência protocolar da diplomacia), são em si razão externa suficiente para se compreender a imagem multifacetada e contraditória desse Janus sertanejo, que muitas vezes irrompe lúdica e fantasmaticamente no campo discursivo do escritor.

Em 1963, o crítico uruguaio Emir Rodrigues Monegal (que, anos depois, viria a tornar-se um importante biógrafo de Jorge Luis Borges) visita Guimarães Rosa, no Rio de Janeiro, quando este já é Ministro de 1ª Classe, ocupando o cargo de Chefe do Serviço de Fronteiras no Itamarati. Durante a entrevista, o escritor explica minuciosamente como constrói sua poética, a inserção de vários idiomas no português, a exploração deliberada de contradições etc., o que leva Monegal a perceber a conjunção entre o escritor e o diplomata: “Enquanto o escutava falar com precisão sem pressa, pensei que esta tarefa devia ser também um serviço de demarcação de fronteiras” (MONEGAL, 1991, p. 51).

A partir da reconstituição do ambiente literário, da vida intelectual e profissional de Guimarães Rosa, tendo sobretudo em vista o exercício de conjugar, em sua escrita, diferentes formas de conhecimento e formações discursivas de prestígio diferenciado (oral e escrito, popular e erudito, saber mitopoético e saber epistemológico, intuição e razão), pretendo verificar que as produções ficcionais e documentais desse escritor contribuem para a ampliação do conceito de literatura. Ao inter-relacionar-se com vários campos de conhecimento, a literatura de Rosa, além de rasurar seus próprios limites, dramatiza a relação intersubjetiva entre história e estória, realidade e ficção, texto literário e paraliterário, autoria e atoria. Através da própria forma de intencionar sua obra, Guimarães Rosa se utiliza de operadores que possibilitam ao leitor compreender a rede intercomunicante entre texto e contexto, entre formações culturais e discursivas, e, ainda, as múltiplas relações de sua literatura com as Ciências Humanas, a História, a Antropologia, a Psicanálise, a Filosofia e a Teoria da Literatura.

Tendo em vista a diversidade da obra rosiana e o *locus* que define suas condições de enunciação – zonas fronteiriças assinaladas pela hibridez e pela heterogeneidade conflitiva – este trabalho se ocupará em (a) observar a emergência de uma nova forma de habitar o mundo e de novos estatutos de trocas culturais; (b) discutir os procedimentos autorais/atorais do escritor a partir das várias personas sob as quais se faz representar no próprio texto – médico, diplomata, sertanejo, pesquisador, crítico consciente do próprio fazer poético – e a partir das quais ele pode criar uma abrangência que ultrapassa os limites da mera literariedade; (c) surpreender o processo de hibridização cultural entre populações rurais e urbanas, entre arcaísmo e modernidade; (d) discutir a tensão “assimilação/resistência” de formações discursivas produzidas em situação colonial, frente às culturas hegemônicas; (e) abordar a interação desierarquizante entre cultura popular e erudita, oralidade e escritura, pensamento mitopoético e epistemológico; (f) tomar o interculturalismo como eixo para repensar conceitos como “nacionalismo”, “nação”, “pátria”, “relações identitárias”, tendo em vista a emergência de novos paradigmas relacionais decorrentes, sobretudo, do atual contexto de globalização e multiculturalismo e suas demandas de flexibilização de fronteiras políticas e culturais.

A abordagem comparatista que norteará este trabalho se ampara em três justificativas básicas. A primeira – em concordância com pressupostos desenvolvidos por Ángel Rama (Apud Candido, 1983) sobre a literatura produzida no continente a partir de 1910 – advém da constatação de que a “América Latina desenvolveu o seu sistema literário próprio, em dimensão continental, formando (...) «um sistema literário comum», do qual o Brasil é parte integrante e não mais corpo paralelo, como na concepção anterior”

(CANDIDO, 1983, p. 145-46). Exemplo disso está na apropriação criativa às vanguardas européias e seu desdobramento nas técnicas renovadoras do regionalismo transnacional, cujo aproveitamento na obra de autores continentais, como José Maria Arguedas, Juan Rulfo, Roa Bastos, Gabriel Garcia Márquez e João Guimarães Rosa, institui um modelo comum a essas literaturas. Marcando diferença em relação aos modelos importados ou impostos pela metrópole, o regionalismo transnacional inaugura, na América Latina, um novo espaço discursivo. Para abordá-lo, torna-se necessária a perspectiva comparatista que poderá, a partir de agora, “assumir o papel que lhe cabe num país caracterizado pelo cruzamento intenso de culturas, como é o Brasil” (CANDIDO, 1983, p. 215).

Uma segunda justificativa se sustenta na consciência de que, dada a pluralidade de discursos críticos e de dispositivos teóricos desenvolvidos pelo comparatismo literário inter-americano, sobretudo na perspectiva dos Estudos Culturais (a “heterogeneidade cultural”, o “transculturalismo”, as “culturas híbridas”, o “entre-lugar do discurso latino-americano”, a “diglossia”, a “hermenêutica diatópica/heterotópica”), seria inconseqüente uma abordagem de quaisquer obras literárias latino-americanas que esteja desvinculada das condições simbólicas em que essas obras foram geradas.

A terceira e última justificativa se ampara na premissa de que os Estudos Culturais e os Estudos Pós-Coloniais propiciaram a alternativa plástica de colocar a voz recalcada do sujeito subalterno (antes silenciado) como importante interlocutor de novas trocas simbólicas e culturais. Essa alternativa deflagra um grande diálogo em que interação não apenas instâncias discursivas, mas esferas extrínsecas (ao texto) de produção de sentido que incluem todos os agentes de transformação sócio-cultural, política e literária. Dentre esses agenciadores de transformação, além do principal ator – a própria encarnação do sujeito subalterno –, destaca-se a importante participação de sociólogos, antropólogos, etnólogos, historiadores, agentes culturais e, sobretudo do sujeito da enunciação que, enquanto agente de um discurso alternativo, deixa vazar, em seu campo discursivo, a imagem de um escritor preocupado com uma causa de ordem sócio-cultural. Dessa forma, a conjunção do comparativismo latino e ibero-americano com as produções concretas das “literaturas alternativas” explicita cada vez mais qual é o *locus* a partir do qual esses novos agentes podem enunciar e denunciar as próprias condições de submissão e recalçamento que lhe foram impostas pelo legado colonial.

O esforço teórico-crítico em apreender essas novas formas enunciativas deve mobilizar-se no sentido de aproximar, comparar e entrecruzar formações discursivas produzidas em condição colonial com novos modelos de produção simbólica, a essa altura já assinalados pela marca da heterogeneidade e da hibridez cultural. Esse procedimento deve fundamentalmente evidenciar a existência das trocas interculturais provenientes da necessidade de os elementos compostos dessa grande totalidade heterogênea e contraditória interagirem e se colocarem em posição intersticial, ou seja, constituírem seu campo discursivo a partir de entre-lugares replicantes para, dessa forma, fazer frente ao modelo homogêneo e hegemônico herdado da pressão cultural imposta pela máquina colonizadora.

Ana Pizarro percebeu bem a urgência em se utilizar um novo instrumental comparatista capaz de dar conta dessa literatura alternativa que emerge de contextos coloniais e pós-coloniais. Na apresentação do livro *América Latina: palavra, literatura, cultura*, ela alerta para a necessidade de se utilizar uma “hermenêutica heterotópica”, para uma melhor apreensão da pluralidade de tempos culturais – superpostos e seqüenciais – que conformam a formação do continente latino-americano. Comportando diferentes formas de imaginário, distintas concepções estéticas e contrastivos modos de relação, as formações discursivas produzidas no espaço de tensões da história continental, “articularam-se [segundo ela] em um complexo composto de segmentos de modos de produção, sociabilidade e imaginário, inseridos em diferentes graus de desenvolvimento e em

diferentes momentos na direção imposta pela metrópole” (PIZARRO, 1993, p. 28-9). Sua sugestão é a de que, para abordar a complexidade dessas formações híbridas e heterogêneas, torna-se necessário conjugar a crítica estética a um instrumental metodológico múltiplo, capaz de abranger a compreensão dos fenômenos gerados pela superposição de distintos planos temporais, culturais, históricos e sociais que conformam as contrastivas formações literárias do continente latino-americano.

Como minha investigação privilegia o enfoque fronteiriço da poética rosiana, não me ocupo de “uma” obra específica de Guimarães Rosa, nem apenas da abordagem de certos aspectos temáticos ou formais canonizados pela fortuna crítica do escritor. A recorrência a tais aspectos será pontual, pois somente ocorrerá na medida em que possa contribuir para a fundamentação de alguns pressupostos em que se ancora a poética visada. Assim, exploro distintas virtualidades da “poética de fronteira” em uma ou mais obras rosianas. Um enfoque maior é dado aos contos “A menina de lá”, “A terceira margem do rio” e “As margens da alegria”, de *Primeiras histórias*; às novelas “Cara-de-Bronze”, de *No Urubùquaquá, no Pinbém*, e “Uma história de amor (Festa de Manuelzão)”, de *Manuelzão e Miguilim*; e principalmente ao romance *Grande sertão: veredas* que, sem ser privilegiado em um capítulo específico, estará, contudo, permeando todo o trabalho.

Ao inserir outros idiomas ao português, Guimarães Rosa quebra os parâmetros particularistas de língua. Diferentemente da utópica originalidade isolacionista com que, desde o romantismo, o regionalismo patriótico e provinciano vinha-se protegendo contra as influências externas e sobretudo contra a dependência cultural, Rosa põe sua região em relação de interatividade com outras paragens continentais e universais. Antonio Candido considera que, dos três momentos de manifestação regionalista brasileira e continental por ele examinados, somente a terceira vertente – consolidada por escritores como José María Arguedas, Gabriel García Márquez, Augusto Roa Bastos e João Guimarães Rosa – cria alternativas inovadoras, permitindo-lhe escapar ao anacronismo e ao provincianismo a que ficaram sujeitas as vertentes anteriores. Ao se fixar nas formas mais peculiares da realidade local, em lugar de afirmar a identidade nacional, como pretendia, tanto o regionalismo romântico quanto o naturalista acabaram ambos oferecendo à sensibilidade europeia o exotismo que ela desejava, o que, segundo Candido, se torna uma “forma aguda de dependência na independência” (CANDIDO, 1989, p. 157).

A permeabilização da matriz regional, realizada sob o influxo da transitividade territorial, lingüística e cultural, permite a Guimarães Rosa adotar a combinatória de práticas culturais representativas da índole conflitiva e desafiante com que o Brasil e a América Latina se inserem na modernidade ocidental. Dessa forma, a obra rosiana ultrapassa os limites do subdesenvolvimento continental que levaram Candido a refletir que “nossas literaturas latino-americanas, como também as da América do Norte, são basicamente galhos das metropolitanas”. Ainda que semeados no quintal terceiromundista, os germens dessa nova literatura voltada para o ano 2000 proliferam e, sobretudo a partir de Rosa, já dão frutos no jardim das musas.

Malgrado toda a alta aspiração metafísica postulada pelo escritor em entrevistas e correspondências, tudo ou quase tudo viaja dentro de sua obra; e, a partir da viagem, desloca, atravessa e se desterritorializa. O recorrente impulso para a busca – de origem e sentido, de tempo e espaço, do incondicionado e do indizível – impele personagens rosianas sempre para um outro lugar. Mas as coisas acontecem, não na ida ou na volta, mas na zona fronteiriça, na terceira margem onde as demarcações perdem sua visibilidade e tudo entra em conexão: territórios, águas, línguas, culturas, conhecimentos e insciências. Um eloqüente exemplo dessa poética do “meio” se encontra neste trecho em que, ao refletir sobre o sentido de suas travessias, o narrador de *Grande sertão: veredas* constata que “o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia” (GSV, p. 60).

Permeável tecido de transformações, em cujas dobras se matizam temporalidades distintas e espacialidades móveis, o mapa dos territórios rosianos é aberto e remanejável de sorte que de suas fronteiras discursivas sempre se espera o surgimento de uma “terceira margem”, uma das mais emblemáticas imagens dessa cartografia verbal, onde “escrever nada tem a ver com significar, mas com agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 13).

A idéia de integrar, numa mesma rede múltipla e infinita, conhecimento e emoção, várias experiências e estilos, onde tudo pode ser continuamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis, sob o princípio de amostragem potencial do narrável, institui a totalidade potencial, conjectural, múltipla dos hiper-romances que emblematizam, segundo Italo Calvino, a literatura do próximo milênio (CALVINO, 1990, p. 112). Essa radiografia do hiper-romance como grande rede pode ser reconhecida na grande arte de Guimarães Rosa.

Como seu personagem “Cara-de-Bronze”, que viaja sem sair do quarto, o escritor mineiro descobriu, mediante o efetivo trânsito por inumeráveis países e línguas, a transitar por diferentes temporalidades, línguas, culturas e geografias, a partir de sua máquina de escrever. A imagem da interface entre as inumeráveis barreiras desconstruídas pelo Chefe do Serviço de Demarcação de Fronteiras teria que ajustar-se à forma de um mapa migrante, sem fronteiras ou legendas. Móvel e remanejável como um tabuleiro de xadrez, o mapa de Rosa agencia infinitas combinações territoriais, cujo traçado aceita a intervenção simultânea de negociações e acaso.

Ainda que Rosa conjugue restauração e renovação da tradição oral, acentuar a tonalidade da cor local não é o procedimento mais forte da sua escrita, que trata, na verdade, de mesclar as matrizes a partir da superposição de vários outros matizes. Posto existir na obra rosiana uma forte recorrência ao acervo da oralidade, ao desclicherizar e reestruturar a morfologia do “era uma vez”, o escritor-diplomata não só renova e restaura a voz recalcada da tradição oral, como a recoloca em lúdica interação com a plasticidade dos signos postos em rotação pelas vanguardas poéticas.

Graças a esse *revival*, o tradicional “Aí, num belo dia...” converte-se, numa reviravolta performática, em “Ah, e, vai, um feio dia...” (GSV, 275). Nos contos de *Primeiras histórias*, cujo título já traz, em si mesmo, o emblema do descondicionamento, há incontáveis senhas a abrir ou fechar as histórias e, em paralelo, a desfossilizar os sentidos esvaziados pela repetição da mesma chave, como atestam estes exemplos: em “Os cimos”: “Outra era a vez” (168); em “As margens da alegria”: “Era outra vez, em quando, a Alegria” (7); em “Famigerado”: “Foi de incerta feita — o evento”(9).

As linhas de fuga do mapa rosiano se deslocam. Em sua poética de fronteiras, o escritor mineiro agencia, a partir de seu heterotópico *locus* de enunciação, uma tal dança de signos, que se perde a noção dos limites entre eu e o outro, o local e o universal, o oral e o escrito, a renovação e a restauração. Ao reinventariar, restaurar, reciclar, remanejar, reinventar suas fontes, Rosa suplementa as potencialidades inconcluídas da literatura (e da modernidade) brasileira e latino-americana.

Diferentemente de demarcações identitárias e de cartografias referenciais, os cenários heterotópicos dos mapas rosianos criam zonas de confluência, onde se institui um intenso contrabando entre línguas e culturas de diferentes procedências e temporalidades. Essa desmarcação discursiva dá visibilidade a identidades em curso, a pátrias itinerantes em permanente confronto e negociação, em cujas fronteiras emerge uma nova forma de ler e de habitar o mundo.

Referências Bibliográficas:

- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CANDIDO, Antonio. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. O olhar crítico de Ángel Rama; Literatura Comparada; Uma palavra instável.
- CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. 5v. Trad. Aurélio G. Neto e Célia P. Costa. Rio Janeiro: Editora 34, 1995. v. I.
- MONÉGAL, Emir Rodrigues. *Em busca de Guimarães Rosa*. In: COUTINHO, Eduardo F. (Org.). *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- PIZARRO, Ana (Org.). *América Latina: palavra, literatura e cultura*. São Paulo: Memorial; Campinas: UNICAMP, 1993. Palavra, literatura y cultura en las formaciones discursivas coloniales.
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- ROSA, João Guimarães. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.